

## DOCUMENTO

### MANIFESTO DAS MULHERES CAMPONESAS À IIª CONFERÊNCIA MUNDIAL DA REFORMA AGRÁRIA E DESENVOLVIMENTO RURAL (FAO)

Somos Mulheres Camponesas, filhas desta terra brasileira, que há 500 anos vem sendo regada com suor, sangue e muito trabalho de tantas gerações de mulheres e homens de diferentes etnias. Mesmo com todas as lutas de resistência dos povos indígenas, negros e brancos pobres, nosso país continua sendo um território para extração de riquezas que alimentam os lucros de grandes grupos capitalistas. O Brasil está longe de ser uma nação livre e soberana. Neste 8 de março, durante a realização desta *IIª Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural*, inspiradas pela história de mulheres do mundo inteiro que morreram na luta pela vida, nos manifestamos contra todas as formas de violência e exploração que sofremos no Brasil, como parte do povo pobre, como camponesas e como mulheres. E, sobretudo, reafirmamos o compromisso com a luta por uma sociedade socialista, sem desigualdades de classe, gênero e etnia.

Para os capitalistas, a terra, as águas, as sementes, o ar, as matas são recursos que devem ser explorados conforme seus interesses econômicos. Para nós, camponesas e camponeses, estes elementos da natureza são a base da vida, são riquezas que não têm preço, por isso não podem ser mercantilizadas. Em nome do desenvolvimento, do progresso e da modernidade, o capitalismo avança sobre o mundo desrespeitando limites, leis, colocando em risco a vida de todos os seres vivos, inclusive da humanidade. As empresas capitalistas, com a conivência da maioria dos governos, transformaram a agricultura num negócio, no agronegócio, e se apoderaram de nossas riquezas naturais, de nosso território, utilizando-os como mercadorias descartáveis, e converteu nossa população em “mão-de-obra barata” para ser explorada, além de utilizar o trabalho escravo em várias regiões do Brasil. Marchamos rumo à Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural (CIRADR) porque:

1. Somos contra o domínio autoritário de empresas multinacionais e as políticas dos bancos e instituições internacionais – especialmente a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial (BIRD), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) – assumidas pela maioria dos governos do mundo, que transformam nossos países em servos do processo de acumulação de capital e globalizam cada vez mais a pobreza, principalmente entre mulheres e crianças;
2. Exigimos Reformas Agrárias Integrais, que sirvam de base para a construção da soberania alimentar dos países. A produção agrícola deve ser orientada pelas necessidades e pelos hábitos culturais de cada povo, não pelas metas de lucro de meia dúzia de grupos multinacionais;
- 3.. Somos contra os desertos verdes, as enormes plantações de eucalipto,

acácia e pinus para celulose, que cobrem milhares de hectares no Brasil e na América Latina. Só no Estado do Rio Grande do Sul já são 200 mil hectares de eucalipto. Onde o deserto verde avança a biodiversidade é destruída, os solos deterioram, os rios secam, sem contar a enorme poluição gerada pelas fábricas de celulose que contaminam o ar, as águas e ameaçam a saúde humana. No Brasil, as empresas que controlam o deserto verde têm total apoio do governo para implantar fábricas de celulose e ampliar o plantio de madeiras. Nos últimos três anos, só a Aracruz Celulose, que tem cerca de 250 mil hectares plantados com eucalipto no Brasil, recebeu do governo brasileiro quase dois bilhões de reais. Se o deserto verde continuar crescendo, em breve vai faltar água para bebermos e terra para produzir alimentos.

Não conseguimos entender como um governo que quer acabar com a fome patrocina o deserto verde, ao invés de investir na Reforma Agrária e na Agricultura Camponesa. Marchamos com as seguintes propostas:

1. Reforma Agrária Integral, estabelecendo limite de propriedade para acabar com o latifúndio e garantir justiça social no campo brasileiro;
2. Soberania Alimentar, garantindo recuperação e preservação de biodiversidade, matas, florestas, plantas medicinais, sementes crioulas, água e terra, que são patrimônio dos povos a serviço da humanidade;
3. Que os governos implementem políticas de incentivo à produção de alimentos saudáveis para auto-sustento e geração de renda com grande diversidade de produtos, quebrando o monopólio de grupos econômicos que controlam as sementes e padronizam a agricultura, impondo os mesmos hábitos alimentares a todos os povos;
4. Para nós, camponesas e camponeses, a terra deve cumprir função social não-comercial, deve alimentar a vida, não os lucros. Defendemos a agricultura camponesa que produz comida preservando a biodiversidade, respeitando a pluralidade cultural das populações e gerando trabalho, renda e dignidade para muita gente;
5. Investimento público na ciência, tecnologia e pesquisa para a agricultura camponesa ecológica;
6. Valorização da renda gerada pela agricultura camponesa, garantindo preços justos para os produtos agrícolas camponeses e construindo uma rede de comercialização popular e solidária, incentivando os mercados locais;
7. Políticas públicas voltadas ao campo: saúde, previdência, crédito, seguro, transportes, estradas, lazer, moradia, saneamento básico, controle sanitário, educação...

Neste 8 de março nos solidarizamos com as mulheres camponesas e com as trabalhadoras urbanas de todo o mundo que sofrem com as várias formas de violência impostas por esta sociedade capitalista e patriarcal. Estamos nas ruas porque acreditamos que as verdadeiras mudanças nas sociedades são

feitas pelo povo organizado. E acreditamos ser possível a construção de uma nova globalização, alicerçada na solidariedade entre os povos, no respeito entre as diversidades étnicas, religiosas e culturais, na igualdade de gênero, na cooperação para a preservação das riquezas naturais e na produção destinada a atender necessidades das pessoas e não do capital. É com esta convicção que nós, mulheres camponesas, trabalhadoras, continuaremos lutando.

***Viva o 8 de março !***

*Globalizemos a luta,  
Globalizemos a esperança,  
Globalizemos a solidariedade!*

*Porto Alegre (RS), 8 de março de 2006.*

**Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)**  
**Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**  
**Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)**  
**Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB)**  
**Pastoral da Juventude Rural (PJR)**  
**Comissão Pastoral da Terra (CPT)**